

o grau de conhecimento sobre a leishmaniose visceral (LV) e as características socioeconômicas e culturais dos proprietários de cães do município de Cruz das Almas, Bahia. Para tal, 162 proprietários voluntários, residentes em seis regiões pré-definidas, de acordo com aspectos geográficos, responderam ao questionário acerca de aspectos diversos relacionados ao agravo e ao reservatório doméstico. Os resultados demonstraram que apenas 5,5% (9/162) dos 162 entrevistados compreendiam o significado do termo zoonose e que somente 3,7% (6/162) souberam relatar, ao menos, um exemplo de enfermidade zoonótica, o que evidencia a carência de informação referente ao tema na população local. Embora cerca de 42% (68/162) dos proprietários tenham se considerado conhecedores da leishmaniose/Calazar, somente 2,9% (2/68) desses foram capazes de informar corretamente a forma de transmissão e a importância do cão no ciclo biológico, revelando fragilidade do conhecimento adquirido. Como esperado, e de maneira geral, a região que apresentou maior índice de conhecimento, bairro Lauro Passos, foi também aquela que registrou o maior nível de escolaridade entre os voluntários, com cerca de 35,7% (5/14) com nível superior completo, o que contrasta com a realidade do município, já que a média de graduados nas demais regiões foi da ordem de 4% (6/148). Diante do registro de baixo grau de informação da população alvo, bem como do caráter incipiente da zoonose no município e de suas precárias condições de saneamento básico, conclui-se que existe a necessidade de realização de atividades de educação em saúde voltadas ao controle da LV, propiciando orientação aos moradores sobre hábitos e manejo ambientais domiciliares/peridomiciliares favorecedores do ciclo de transmissão da enfermidade.

**Palavras-chave:** Leishmaniose visceral, Conhecimento, Cruz das Almas.

1 Estudante Iniciação Científica do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB, julialbuquerque01@hotmail.com;

2 Prof. Dr. Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas, CCAAB, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB, raul@ufrb.edu.br

AO-07

### CONDIÇÕES HIGIÊNICO-SANITÁRIAS DE EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL EM FEIRAS LIVRES NO MUNICÍPIO DE ARACAJU – SERGIPE

Juliano Pereira Santos<sup>1</sup>, Paulo Tojal Dantas Matos<sup>2</sup>, Thais Kitamura Costa<sup>3</sup>, Maria do Nazareth Gomes Aragão<sup>3</sup>, Flávio Moreno Andrade dos Santos<sup>2</sup>, José Cláudio Torres Guimarães<sup>2</sup>

O presente trabalho teve como objetivo realizar um levantamento das condições higiênico-sanitárias atuais da venda de produtos de origem animal nas feiras livres de Aracaju. As inspeções foram realizadas pela Vigilância Sanitária do município, entre os meses de março e agosto de 2013, quando foram inspecionadas as 32 feiras livres existentes na capital sergipana. Foram verificadas as condições de exposição de todos os produtos à venda, bem como da localização das feiras, possibilidade de contaminação por agentes externos e procedência dos alimentos comercializados, particularmente aqueles de origem animal, como carnes, peixes, frango e laticínios. Foi constatado que os produtos anteriormente citados são manipulados e acondicionados fora de refrigeração, além de não terem comprovação de origem. As carnes, frangos e laticínios não apresentam embalagens e rotulagens adequadas, e não possuem selo de inspeção do órgão competente. O pescado é comercializado fora de refrigeração e exposto à contaminantes. Verificou-se ainda a presença de vetores (moscas) em contato com os alimentos, além de animais como cães e pombos no ambiente de

comercialização. Algumas feiras estão localizadas em áreas impróprias, próximas a canais que recebem esgoto sanitário e em áreas sem correta drenagem de águas pluviais, além de próximas à avenidas com grande fluxo de veículos gerando material particulado, que pode contaminar os alimentos expostos. Conclui-se que os produtos de origem animal comercializados em feiras livres na cidade de Aracaju não apresentam condições sanitárias adequadas, representando um risco à saúde pública.

**Palavras-chave:** Vigilância Sanitária, Produtos de origem animal, saúde pública, inspeção, feiras livres.

<sup>1</sup>Médico-Veterinário Gerente de Alimentos e Serviços Veterinários da Vigilância Sanitária de Aracaju

<sup>2</sup>Aluno de graduação do curso de Medicina Veterinária UFS / PIO X

<sup>3</sup>Servidores da Vigilância Sanitária de Aracaju

AO-08

### ESTUDO RETROSPECTIVO DA RAIVA NO ESTADO DO MARANHÃO, BRASIL (2009 A 2012)

Julliana Francisca Rocha Vaz<sup>1</sup>, Dglan Firmo Dourado<sup>1</sup>, Mirella Castro Cordeiro Leite<sup>1</sup>, Thiago Mendes Sousa<sup>1</sup>, Daniel Praseres Chaves<sup>2</sup>

A raiva é uma doença infecciosa de abrangência mundial. Com exceção da Oceania, alguns países das Américas, Europa e Ásia, muitos outros ainda enfrentam problemas com essa enfermidade. Os dados sobre a morbidade e mortalidade constituem a única informação, uma vez que a doença apresenta 100% de letalidade nas espécies de animais incluídos no Código Sanitário para os Animais Terrestres da OIE. No Brasil, a raiva pode ser considerada endêmica, em grau diferenciado, de acordo com a região geopolítica. Realizou-se levantamento epidemiológico da raiva no estado do Maranhão no período de janeiro de 2009 a dezembro de 2012, com base nos dados do Laboratório de Virologia da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, credenciado pelo Ministério da Saúde. Nesse período, foram processadas pela técnica de imunofluorescência indireta (RIFI), 975 amostras de cérebros de caninos, felinos, quirópteros, humanos, bovinos, equinos, caprinos e muare, provenientes de vários municípios maranhenses. As amostras positivas pelo RIFI foram submetidas à prova biológica para confirmação diagnóstica. Destas, 149 (15,28%) foram positivas e 819 (84,0%) negativas. Do total de amostras, 7 (0,71%) estavam inadequadas e, portanto, não foram examinadas. Este elevado número dos casos no Maranhão discorda da afirmação de QUEIROZ et al. (2009), de que existe uma tendência à diminuição dos casos de raiva no Brasil ao longo dos anos. É possível que essa elevada taxa de positividade esteja relacionada às falhas no planejamento vacinal, bem como à outras medidas de controle da raiva. O fato da região nordeste ainda ser a que apresenta o maior número de casos de raiva, inclusive a humana, representa um risco nacional, pois o trânsito de animais e o clima fazem com que o vírus permaneça circulando.

**Palavras-chave:** Raiva, Epidemiologia, Maranhão.

<sup>1</sup>Acadêmicos do curso de medicina veterinária da Universidade Estadual do Maranhão, alunos de iniciação científica

<sup>2</sup>Docente do departamento de Patologia da Universidade Estadual do Maranhão.

E-mail: vaz.julliana@gmail.com